

B. N. L.

18594

H.-G.

GUERRA EUROPEIA—I

A morte da Alemanha Imperialista

ANUNCIADA PELAS **PROFECIAS**

Trad. de SIMÕES de CASTRO
EDIÇÃO DO TRADUTOR

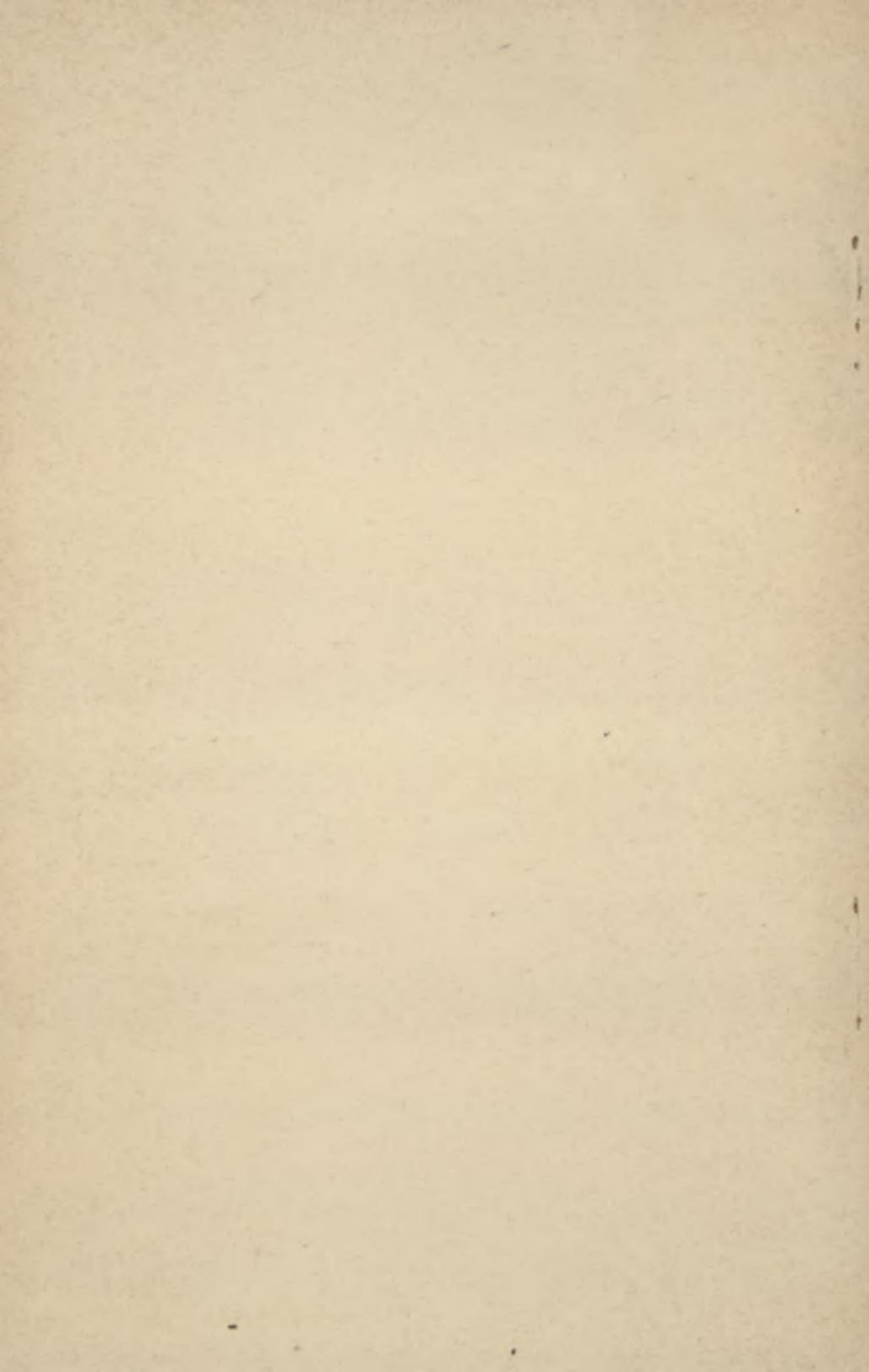
DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA FIGUEIRINHAS

Rua dos Mártires da Liberdade, 178
PORTO

L.

94



H. G.
18594

IMP LEG.

A MORTE DA ALEMANHA IMPERIALISTA



— Composição e impressão: —
EMPRESA GRÁFICA "A UNIVERSAL",
111, Rua Duque de Loulé, 131 — Porto

A GUERRA EUROPEIA—I

IMP LEG.

A morte da Alemanha

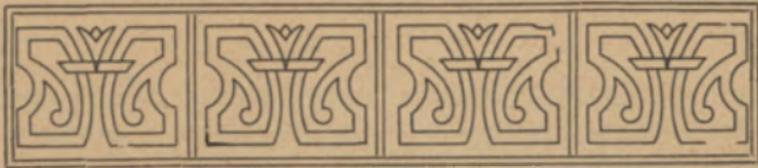
Imperialista

ANUNCIADA PELAS **PROFECIAS**



Trad. de SIMOES de CASTRO
EDIÇÃO DO TRADUTOR

DEPOSITARIA:
LIVRARIA FIGUEIRINHAS
Rua dos Mártires da Liberdade, 178
PORTO



A MORTE DA ALEMANHA IMPERIAL

O fim do império alemão está anunciado em inúmeras profecias, claras, precisas e todas concordes entre si. Todas se efectuaram na parte que diz respeito a factos já passados, o que lhes dá uma decisiva autoridade no que se refere ao futuro.

Tais profecias são, de resto, muito conhecidas entre os alemães, que há muito tempo sondam com terror o terrível mistério que o futuro para eles encerra. Além disso, os Hohenzollern teem-nas acatado sempre em actos officiais, e Guilherme I, que as estudara às vezes com o príncipe de Bismarck, entreviu o segrêdo do seu futuro e da sua extraordinária fortuna.

Guilherme II lia com angústia a mudança dêsse destino no que se refere ao fim da sua soberania, da sua dinastia—do Império.

E tudo quanto, outrora, Guilherme II lia com angústia o relê agora com espanto em face da realidade dos acontecimentos, que o arrastam ao abismo—a êle e ao seu Império.

O FUTURO DA ALEMANHA ANUNCIADO NAS PROFECIAS

I—Um pouco de história

O destino do ramo prussiano dos Hohenzollern é um fenómeno imensamente curioso e interessante, que convem recordar, com algumas noções históricas, antes de começar o estudo das profecias que anunciam a sorte do Império Germânico.

O margrave Frederico I, Eleitor de Brandeburgo e chefe da linha dos Hohenzollern, só possuía, em 1415, três pequenas províncias: a Velha Marea, a Marea Anterior e a Nova Marea. Nada podia fazer adivinhar os altos fins a que devia chegar, à fôrça de energia e de habilidade, esta raça guerreira e ambiciosa.

Os meios empregados pelos novos chefes de Brandeburgo não diferem grande coisa dos que se observam no princípio de todas as dinastias reais: meios políticos, anexações, matrimónios,

conquistas, todos foram utilizados. Assim, pouco e pouco e conquista após conquista, grande número de fortalezas, de cidades, de condados, de ducados foram aumentar os seus domínios, até ao ponto em que, já no século 'xvii, formavam um estado vasto e poderoso.

Foi então que, para premiar os serviços prestados aos imperadores da Alemanha, os Hohenzollern obtiveram um decreto de Leopoldo 1 que lhes concedia o direito de cingir a coroa, visto que transformaram em reino, em benefício do novo Frederico 1, o Eleitorado de Brandeburgo.

Uma vez colocados em tão bom camiinho, os Hohenzollern não se detiveram. Cêrca de um século depois, o reino da Prússia pode considerar-se como uma das maiores potências da Europa central. Sustenta então as guerras da Revolução e do Império contra a França. Aumenta-se ainda no congresso de Viena. Em 1866 vence a Áustria em Sadowa, e em 1871 Guilherme 1, que era então o chefe dos Hohenzollern, senta a sua dinastia no trono imperial, escapado aos Habsburgos. Os Hohenzollern enfeitam-se com a glória despojada ao seu antecessor.

Desde então, os soberanos alemães trataram de consolidar, por meio de alianças, o edificio que tão hábilmente haviam sabido construir. O pior foi que a força que foram acumulando só a empregaram, desde há quarenta anos, em irritar a Europa. Foi assim que, pondo em prática os seus odiosos projectos, se lançaram, com uma crueldade sem precedentes, contra a França e contra a Bélgica, na esperança de aniquilar o primeiro daqueles países e voltar-se depois contra a Rússia e a Inglaterra.

II—Quem era o profeta Hermann

Todas as antigas dinastias teem um ou vários horóscopos veneráveis, quando mais não seja pela sua antiguidade.

O mais antigo dos que se referem à casa de Hohenzollern é a célebre profecia de Hermann, conhecida com o nome de *Vaticinium Lehninense*.

Hermann viveu nos começos do século XIII, e, sendo monge da Ordem de Cister, foi prior do mosteiro de Lehnin, em Brandeburgo. Êste convento foi construído por êle no ano de 1180, graças à liberalidade de Oton I, filho e sucessor de Alberto, da família dos condes de Ascania e cujos membros foram, até ao último deles, seus protectores zelosos, querendo todos repousar, por sua morte, à sombra do mosteiro.

A profecia escreveu-se em 1240. Consta de cem versos hexâmetros latinos e ajusta-se ao gôsto e ao estilo da sua época.

O que nela há de mais admirável e prodigioso é a exactidão com que, desde meados do século XIII até aos nossos dias, ela tem vaticinado o futuro de Brandeburgo, da Prússia e da Alemanha moderna.

Desde 1415, cada Eleitor, cada rei da dinastia dos Hohenzollern vai aparecendo na sua época, claramente indicado pelas diferentes circunstâncias da sua vida, pelos seus triunfos ou pelas suas faltas, pelas suas boas qualidades ou pelos seus vícios. Cada profecia pode ser aplicada rigorosamente, e jámais se engana a maravilhosa clarividência do profeta.

Sendo, como era, prior de um Mosteiro, Hermann devia necessariamente ter preocupações de

ordem puramente religiosa; não é, pois, de extranhar que a profecia tenha como principal objecto o destino da religião em Brandeburgo.

Prediz a decadência do culto católico, a passageira prosperidade dos Hohenzollern, que são os autores desta decadência e, por fim, o desaparecimento desta dinastia.

Prediz também a ressurreição do catolicismo na Alemanha, a nova construção dos seus templos, a reconstrução das abadias.

Mais adiante veremos como devem interpretar-se as últimas passagens dessas profecias, as mais importantes das quais vemos agora em via de completa realização.

Para esclarecer o princípio da profecia é necessário tornar conhecido um pormenor:

A profecia de Hermann não começa, como podia supor-se, com a elevação da Casa da Prússia ao Eleitorado; começa muito anteriormente, isto é, nos fins do século xiii. Pois bem. Antes da ascensão dos Hohenzollern ao Eleitorado, o Brandeburgo foi governado por outros chefes: primeiro, pelos condes de Ascania, príncipes católicos muito justiceiros, desde 1142 a 1319; depois, por diversos príncipes da Baviera e do Luxemburgo, os quais se occuparam tão pouco dos interesses das Marcas que por causa deles estas sofreram grandes e terríveis males.

III—A autenticidade das profecias de Hermann

Entre os alemães é tradicional a autenticidade das profecias de Hermann, que ali são conhecidas há muito tempo.

No entanto, para elucidação dos nossos leitores, vamos dar aqui os dados recolhidos nas obras que testemunham a certeza das predições do frade de Lehnin.

Um autor muito conhecido na Alemanha do século xvii, chamado Binterim, certifica numa carta dirigida ao doutor Wermer ter tido nas suas mãos um manuscrito com a profecia de Hermann, cuja origem autêntica remontava a quatrocentos anos antes.

Em 1431, Georges-David Meyer possuía um exemplar das profecias de Hermann, as quais estavam escritas em oito fôlhas de pergaminho por um frade de Lehnin chamado Burghard.

Em 1599 foram copiadas por um religioso beneditino, o padre Speer.

O mais novo dos irmãos de Joaquim I, Eleitor de Brandeburgo, chamado Alberto, morto em 1459, legou à Biblioteca de Mogúncia um manuscrito das profecias.

A Biblioteca de Berlim colecionou também cinco manuscritos das profecias de Hermann, dos quais o mais antigo foi levado para o palácio de Charlottenburgo por ordem do Rei.

As profecias de Hermann, conservadas em forma de manuscrito desde 1240 em diversos mosteiros da sua Ordem, foram impressas em 1723, no reinado de Frederico Guilherme I, pai de Frederico o Grande, por Schultze, na colecção nacional intitulada *Frater Hermanus Redivivus*.

Em 1725, 1740 e 1758 fizeram-se successivas edições.

Mais tarde reimprimiram-se, em 1850 e em 1873, estas duas últimas editadas na livraria de Georg-Joseph Manz, em Ratisbona.

Na grande maioria das Bibliotecas da Alemanha encontram-se exemplares destas edições.

O abade Dubois, na sua *História da Abadia de Morimond*, reproduz a última parte da profecia.

O abade Dubois faz notar que as numerosas edições posteriores a 1723 indicam como data certa para a profecia os séculos XVIII e XIX.

É de notar que este autor compôs o seu livro em 1848 e que não podia supor antes que uma guerra entre a Prússia e a Áustria produzisse ao fim de dezóito anos uma mudança radical na situação respectiva dos diferentes povos da raça germânica.

Morimond, cuja história o abade Dubois refere, é a Casa francesa, da Ordem de S. Bernardo, mãe de 70 casas cistercienses, que successivamente se foram estabelecendo nos diversos estados da Alemanha e entre as quais se encontrava a de Lehnin.

Em 1851, na sua *História de Lehnin*, o doutor Heffter estabelece que em 1617 as profecias de Hermann eram perfeitamente conhecidas em toda a comarca que rodeia o célebre mosteiro.

Diz o doutor Heffter, na referida *História*: «Estas predições foram sempre consideradas como originárias do Irmão Hermann, de Lehnin».

Em 1891, o abade Florent Dumas publicou, em edição da Casa de Descléc, em Lille, uma obra intitulada *Hermann e os Hohenzollern*. Esta obra, que é uma das mais completas e concludentes, não deixa a menor dúvida acêrea da antiguidade e da autenticidade das profecias do monge de Lehnin.

Poderíamos completar ainda a lista documental, mas o que aí fica bastará para convencer toda a gente sobre a autenticidade das profecias de Hermann. Se existem algumas dúvidas no que respeita ao período anterior a 1723, ao menos desta época em diante podemos ter a certeza de que as profecias de Hermann estão reproduzidas em inumeráveis volumes, espalhados por todas as Bibliotecas da Alemanha, antes de se terem dado os acontecimentos que vaticinam.

Mas se somos obrigados a admitir que os reinados de Frederico, o Grande, de seu sobrinho e de Frederico Guilherme II foram anunciados de modo indiscutível pela Profecia, não é lógico dar também crédito à parte anterior?

No último caso, e isto é o principal, a realização perfeita dos factos preditos para os séculos XVIII e XIX constitui uma garantia para os prognosticados para o século XX.

IV — História da profecia de Mo- gúncia

Da mesma forma que a profecia de Hermann nos apresenta um resumo completo, embora succinto, da história da Prússia, a profecia de Mogúncia, cujo texto se lerá mais adiante, não compreende mais do que um periodo extremamente curto da referida história. Mas êste periodo, que abrange a metade do século XIX e começos do século XX, prediz os acontecimentos com uma abundância de pormenores cuja nitidez e precisão causam assombro: o desastre da Áustria em Sadowa, o desastre francês em Sedan, as desgraças da França no Ano Terrível, a anexação da Alsácia, etc., e uma infinidade de acontecimentos que se sucedem no texto da profecia por ordem tão rigorosa como na própria história. Vem depois a visão do futuro, — o futuro que está sendo atingido na actualidade — a *rêvanche* da França e a queda do seu odiado vencedor.

Embora esta profecia apenas date da primeira parte do século XIX, as suas origens são menos conhecidas do que as da anterior.

Tudo quanto podemos dizer a seu respeito é que a sua veracidade, com relação aos acontecimentos que anuncia e que temos visto realizados, foi confirmada inúmeras vezes.

E tanto assim é que numa obra do professor Stoffen, editada em Estrasburgo em 1854, se citam fragmentos vários que falam da campanha de 1866 e da guerra de 1870-1871, o que prova a veracidade da profecia, pois ninguém podia suspeitar sequer em 1854 que se dessem estes importantíssimos factos históricos.

Anteriormente já se tinha encontrado outro fragmento em algumas publicações populares editadas também em Estrasburgo.

E é um facto provado nas províncias anexadas que a profecia, cuja parte mais importante para a França, no que se refere ao passado, se realizou em 1870-1871, era ali conhecida antes da guerra. Transmitia-se de pais a filhos e falava-se dela com ansiedade nos povoados, em tórno do lar.

Desde que os acontecimentos da guerra franco-prussiana deram à profecia de Mogúncia autoridade incontestável, toda a imprensa francesa se occupou dela repetidas vezes. Dificilmente se encontrará um jornal importante que não a tenha publicado ou que, pelo menos, lhe não tenha feito referência.

Em compensação, a imprensa alemã guardou o mais profundo silêncio a respeito de uma profecia que prediz rudes e próximos castigos para a pátria dos Hohenzollern.

Todavia, por um curioso livro intitulado *Amanhã*, que contém esta predição, e que foi publicado no século XIX, tal profecia deve ser conhecida em toda a Alemanha.

O nome de *Profecia de Mogúncia* provêm de que esta se conservou durante muito tempo num antigo mosteiro situado nos arredores de Mogúncia, fundado por Santa Hildegarda.

V—História das predições de Fiensberg

São muito conhecidas as circunstâncias em que se fizeram as predições de Fiensberg, não só na Alemanha, mas também em França, onde,

desde ha quinze anos, teem sido recordadas por vários jornais.

Trata-se de um documento que produz enorme emoção, cuja precisão é assombrosa e cuja matemática realização dos factos do passado dá aos do futuro uma importância capital.

O imperador Guilherme I, quando era príncipe herdeiro da Prússia, comandava em 1849 o exército de operações enviado ao país de Baden para sufocar a revolução. Deteve-se na pequena povoação de Fiensberg. Ali vivia uma mulher de avançadíssima idade, cuja fama de vidente se espalhara extraordinariamente.

E, de facto, essa criatura tinha dado aos seus conterrâneos várias e concludentes provas da sua clarividência, em repetidas ocasiões, acêrca de factos do futuro. E até em mais de uma circunstância, graças às suas advertências, os tirou de dificuldades e embaraços.

O príncipe rial, que conhecia já a reputação da anciã e que tinha ido a Fiensberg de propósito para a consultar, chamou-a à hospedaria onde se instalara. Recebeu-a em presença do seu ajudante de campo e de dois officiais ajudantes que o acompanhavam.

A vidente, inteirada dos desejos do príncipe, pronunciou as memoráveis palavras que, uma vez satisfeita a sua curiosidade, o futuro imperador fez escrever ao seu ajudante de campo num documento copiado em vários exemplares e nos quais pôs o seu sêlo.

O ajudante de campo assinou também êsses documentos, assim como os dois officiais e a vidente, que teve de dar também autenticidade à consulta.

Quando o príncipe voltou da sua expedição, o documento não foi logo dado a conhecer à Corte, porque, se indicava embora a data em que Guilherme I subiria ao poder, predizia também, pelo mesmo facto, a morte do rei Frederico Guilherme IV, seu irmão. Mas em 1861, quando Guilherme I subiu ao trono da Prússia, mostrou a diversas pessoas da sua intimidade os pergaminhos proféticos.

Os manuseritos originaes guardaram-se cuidadosamente, e passado o ano de 1871, data em que se realizou a primeira profecia, depositaram-se separadamente em vários edificios reais.

Por morte do imperador Frederico III, uma das maiores preocupações que teve Guilherme II foi a de assegurar a posse destes documentos (que apenas tinha podido ver uma vez antes da sua subida ao trono), juntamente com outros papéis do Estado.

Logo depois da morte do imperador Frederico, a imperatriz mãe, seus filhos, as personagens da Corte, os médicos e os criados estiveram presos durante algumas horas. Enquanto o novo imperador não acabou de fazer as suas investigações, nem uma só pessoa pôde sair do castelo de Friedrichskron. Colocaram-se sentinelas junto dos aparelhos telegráficos e telefónicos para que se tornasse absolutamente impossível estabelecer qualquer comunicação com o exterior.

Diz-se que todas estas precauções tinham por fim assegurar ao imperador a posse de todos os papéis do Estado, entre os quais considerava de grande importância pessoal o pergaminho assinado por Guilherme I, ajudante de campo e officiais.

São estes os documentos que estabelecem com singular precisão o futuro próximo da Alemanha.

Vamos reproduzi-los com todos os comentários e todas as explicações que cada um deles contém. E de todos êles tiraremos conclusões que provocam a mais viva surpresa.

O leitor apreciará.



AS PROFECIAS DE HERMANN

PARTE REALIZADA

O mosteiro de Lehnin—A Casa de Ascania—Os príncipes da Baviera e de Luxemburgo—Os Hohenzollern, eleitores de Brandeburgo—Os Hohenzollern, reis da Prússia—Os Hohenzollern, imperadores da Alemanha.

PRELIMINARES

« Por ti, ó Lehnin, vou predizer, com o coração cheio de tristeza, os factos futuros, cujo véu descerrou diante de mim o Deus criador de todas coisas ».

Hermann dispõe-se a narrar a história política e religiosa de Brandeburgo, durante seis séculos inteiros.

Deixará a sua profecia em depósito no seu mosteiro de Lehnin.

De 1240 a 1319

«Brilhas agora, como o sol, com vivo esplendor; enchem teus dias as práticas piedosas da maior santidade e gozas as alegrias de uma existência tranqüila, justa recompensa das tuas virtudes; mas um dia virá em que tudo em ti há-de mudar de aspecto; cansar-se hão os olhos para te reconhecer, ou melhor, não poderão reconhecer-te. Foste sempre o objecto predilecto da familia de teus fundadores. Mortos êles, morrerás tu também e todos deixarão de te dar o nome de «Mãe bondosa». Ah! aproxima-se a grandes passos a hora em que a raça de Oton, glória da nossa pátria, cairá, desgraça irreparável! sem deixar sucessão.»

Estas linhas foram escritas em 1240; em 1319, o último conde de Ascania, o último *descendente de Oton*, Waldemar, morria *sem deixar sucessão*.

De 1319 a 1373

«Desde então, começaste a enlanguescer, sem chegar a morrer. Não obstante, a Marca há-de agitar-se com dolorosas convulsões. A morada de Oton transformar-se há numa caverna de leões e o verdadeiro herdeiro do sangue dos Ascanias será excluído da sucessão.»

Durante cinco anos (1319-1324) o Brandeburgo permanece sem chefe. Daí as suas guerras intestinas, as suas pilhagens, as suas usurpações

de propriedade. O mosteiro de Lehnin *sofre e começa a enlanguescer*.

Em 1324, o imperador Luís da Baviera senta seu filho Luís (1324-1351) na cadeira dos Eleitores de Brandeburgo. E então chega o momento em que a família dos Wittelsbaeh, de que aquele é chefe, coloca *um leão* nas suas armas. A Luís sucederam, um após outro, seus dois irmãos, célebres por seus vícios. A morada de Oton converte-se realmente numa caverna de feras.

Por fim, Rodolfo, herdeiro colateral de Waldemar e, como êle, do verdadeiro sangue dos Aseanias, prisioneiro na Terra Santa, à morte de Waldemar, viu-se despojado do Eleitorado, ao qual tinha direito, e *excluído da sucessão*.

Continuação do mesmo período.

«Quando os estrangeiros se tenham introduzido nos elaustros de Chorin, não tardará o *estratagema* de César em vencer o indomável orgulho.»

Aproveitando a desordem que os chefes do Estado fomentam com a violação de todas as leis, o conde de Kuhlndach expulsa os cistercienses do mosteiro de *Chorin* (fundado noutro tempo com o concurso de Hermann) e *entrega a abadia aos estrangeiros*, aos agostinhos, ordem da qual, um século depois, devia sair Martinho Lutero.

O imperador Carlos VI (*César*) vê-se obrigado a tirar-lhe o governo das Mareas. Mas, com o fim de evitar uma guerra, emprega um *estratagema* e chega a comprar a Oton o margraviato por 200:000 florins. Dêste modo venceu por um *estratagema o orgulho indomável* daquele príncipe.

De 1373 a 1386

«Mas a Marca há-de esconder-se detrás duma muralha bem pouco segura. Pela segunda vez, o leão rial se dirige para outras regiões e a nossa pátria cessará de ver à sua cabeça nem amo nem senhor legítimo.»

Wenceslau (1373-1378) e Segismundo (1378-1386) não constituem para o Brandeburgo senão uma *muralha bem pouco segura*, pois estes dois filhos do imperador Carlos VI, que se sucedem na cadeira eleitoral de Brandeburgo, só aspiram a realizar o seu desejo de ver-se nomeados soberanos da Boémia, da Polónia e da Hungria. Descuidam, portanto, grandemente o Brandeburgo.

«O leão real», Wenceslau, à morte de seu pai, em 1378, apresenta a sua candidatura ao Império e é eleito. *Dirige-se para outras regiões pela primeira vez.*

Em 1386, Segismundo, seu irmão, que lhe sucede, aceita o trono da Hungria. (Em 1410 será imperador da Alemanha). Abandona, pois, o Brandeburgo. *O leão rial dirige-se para outras regiões pela segunda vez.*

A pátria de Hermann cessará de ver à sua frente senhores legítimos, pois desde a subida de Segismundo (1386) até 1415, data da elevação ao trono dos Hohenzollern, não se efectua nomeação alguma no Eleitorado, e Brandeburgo caiu por êste motivo no banditismo e na guerra civil, com todas as suas conseqüentes desditas e calamidades.

De 1386 a 1415

«Os governadores tudo transtornam; por sua culpa virá a ruína. Por todas as partes os poderosos nobres oprimirão o povo; sem o menor respeito pelas coisas divinas, apoderar-se hão dos bens da Igreja; por culpa destes homens, renovar-se hão os horrores que se padeciam nos tempos de Cristo. Numerosos desgraçados serão vendidos, para vergonha da Humanidade.»

Durante o período de 1386 a 1415, Brandeburgo esteve, com efeito, entregue às mãos de simples *governadores*. *O povo careceu de protecção* contra os opressores dos altos e dos pequenos brasões da província, que sempre estiveram em contínua luta uns com os outros.

O historiador Frederico Schoell escreveu a respeito dessa triste época: «O país estava destruído pela anarquia e o povo saqueado pela nobreza, acostumado ao banditismo, sem que houvesse um chefe capaz de restabelecer a ordem.»

Êste historiador dá ainda um detalhe atroz. Os bandoleiros que percorriam o país colhiam cativos que só podiam recobrar a liberdade com dinheiro. Se a soma oferecida não era suficiente, o cativo sofria uma tortura em que se empregavam as maiores crueldades, até que alguém ia pagar as quantias exigidas. Assim se cumpriu a profecia.

De 1415 a 1440

«No entanto, tu não podes, ó Marca, permanecer sem dono. Sais da tua obscuridade eselarcida já pela posse dos dois burgos. O teu nome proclama a paz, e, na guerra que tu inicias, ao degolar os lobos fazes também perecer os cordeiros. Em verdade te digo: chamada a viver largos anos, a raça que vai reger os teus destinos possuirá no seu próprio território um poder restringido a estreitos limites, até o dia em que haja abatido aqueles que, crueis e respeitados antes, saqueavam as tuas cidades e punham obstáculos à autoridade do soberano.»

Começam aqui as predições relativas aos Hohenzollern. O profeta vai, sempre com grande clarividência, fazê-los desfilar uns atrás dos outros, preeisando as circunstâncias e características das suas vidas e das suas mortes. Estas profecias são, na verdade, as mais surpreendentes que já-mais teem saído duma boca humana.

Realização.— Frederico I Hohenzollern era burgrave de Murenberg, quando em 1415 recebeu das mãos do imperador Segismundo o eleitorado de Brandeburgo em paga da quantia de 400:000 ducados que o imperador lhe devia e que lhe não podia devolver.

O novo eleitor foi, portanto, *duas vezes burgrave* ou *possuidor de dois burgos*.

O seu nome *proclamava a paz*, pois que *Friedenreich* significa *rico em paz*.

Mal entrou em funções, o novo Eleitor saiu a

fazer a guerra aos seus vassallos revolucionados e castigou-os. Assim, *degolou os lobos*. Mas no calor da luta confundiu por mais que uma vez os innocentes com os culpados. Isto é, *fez perecer também os cordeiros*.

Os Hohenzollern só dispunham dum pequeno território, formado por algumas provincias; mas em 1814 o congresso de Vienna collocará definitivamente a Prússia entre as grandes potências europeias, depois de *haver abatido os que saqueavam as cidades da Alemanha e maltratavam o seu soberano*.

De 1440 a 1470

«O que succede ao pai despoja seu irmão dos seus direitos; não conseguirá, porém, uinea que se julgue justo um testamento injusto. Quando as múltiplas guerras e os azares das batalhas hajam esgotado as suas fôrças, verá próxima a morte e o seu valente irmão occupará o seu pôsto.»

Um historiador alemão, Schoell, diz falando de Frederico I: «Pelo seu testamento foi excluído do Eleitorado seu filho mais velho, João, chamado o *Alquimista*.»

Reinou em seu lugar Frederico II, chamado *Dente de ferro*, que guerreou durante a maior parte do seu reinado.

Seguindo sempre a Schoell, diremos que durante o eêrcio de Ackermunde (1469) uma bala de canhão desfez a mesa em que ceava o Eleitor na sua tenda de campanha, o que lhe causou tal

transtorno nervoso que nunca mais pôde refazer-se. Isto é, *as múltiplas guerras e este azar das batalhas esgotaram as suas forças.*

Abdicou em 1470 em favor de seu irmão Alberto, margrave de Franconia e retirou-se para o castelo de Placenburgo, onde morreu a 10 de Fevereiro de 1471.

De 1470 a 1486

«Sim, este irmão é um homem valente; mas que louca vaidade a sua! Sonha com transpor as montanhas e apenas consegue transpor uma ponte. Vede como brune os aços! Desgraçados de vós, habitantes de Lehnin! Como há-de respeitar os irmãos, êle que quer exterminar o pai?»

Alberto, chamado *Aquiles*, Eleitor aos cinquenta e oito anos, sustenta *com valor* sangrentas guerras, que terminam heróicamente.

Tinha um caracter *soberbo e veemente*. De mal com o Papa, foi excomungado. Como passou próximo do convento de Lehnin, exigiu, apesar da excomunhão, que fôsse recebido com os seus soldados. Os frades fecharam as portas ao excomungado e levantaram a ponte estendida sôbre o Havel, em frente do mosteiro. Alberto mandou forçar a passagem. Porque havia de respeitar *os irmãos* (os irmãos cistercienses), êle que se vangloriava de exterminar o *pai*, o Papa?

Morreu pouco depois, em 1486, sem ter realizado os projectos que abrigara contra o Papa.

De 1486 a 1499

«O sucessor conhece a arte de aplacar o furor de Marte. Traz aos seus descendentes o preságio da sua grandeza no porvir. O dom que guarda para êles será a prenda de uma fortuna imensa.»

João, chamado *o Cícero*, *aplaca o furor de Marte*; isto é, impede que haja grandes guerras, com a sua palavra persuasiva.

O preságio da sua grandeza no porvir, o dom que guarda para os seus descendentes, prenda de uma fortuna imensa, é Berlim de Sprée, cidade que possuía foros municipais e que excitava a desconfiança dos Hohenzollern, com quem estava em luta. João fez aceitar definitivamente a sua autoridade e trasladou para Berlim a séde do seu govêrno.

De 1499 a 1535

«Os filhos do anterior gosarão, em partes iguais, da mesma prosperidade. Mas nessa época uma mulher propagará uma peste fatal no seio da pátria; uma mulher que está infectada com o veneno duma serpente recentemente aparecida. Êste veneno perpetuar-se há até a undécima geração.»

Sob o comando dos sucessores de João Cícero, continua a prosperidade de Brandeburgo.

A mulher a quem se refere é Isabel da Dinamarca, espôsa de Joaquim I, chamado *Nestor* (1499-1535).

A peste fatal propagada no seio da pátria, contra a qual fulmina o monge de Lehnin, é o luteranismo, que Isabel introduz no Brandeburgo.

Isabel estava *infectada dêste veneno*. Abraçou ostensivamente o luteranismo em 1528.

A partir dessa data, o luteranismo persegue o catolicismo com uma sanha feroz. *Os católicos foram colocados fora da lei.*

Êste estado de coisas perpetuar-se há até o undécimo soberano. É preciso notar que *o que cessará depois de reinar o undécimo soberano* não é o luteranismo propriamente dito, por mais que êste não pudesse contar com as simpatias do monge Hermann, mas as violências, os ultrajes, as exclusões ante o amparo das leis, as perseguições de toda a sorte de que os católicos não deixaram de ser vítimas até àquela época.

É preciso reconhecer que Hermann viu por uma forma maravilhosamente exacta. Vivendo no século XIII, época em que triunfava o catolicismo em toda a Alemanha, prevê, não só a Reforma, mas até o triunfo do luteranismo, as violências e perseguições que êste engendra e também a completa paralização de tais violências e perseguições. Acertou sobre êste como sobre os demais pontos.

Quando em 1871 a Alemanha ofereceu a Guilherme I o seetro imperial, o successor protestante dos Hohenzollern viu-se obrigado a tratar com cuidados para êle desconhecidos a religião que havia na Baviera e nos outros países do seu império, que obedeciam às leis da Igreja católica.

E eis aí como êste ponto de vista, absoluta-

mente imprevisto para o rei da Prússia e para o seu ministro Bismarck, se robustece com uma força incrível.

Os deputados católicos conquistaram no Reichstag uma forte posição. Reivindicaram a liberdade religiosa, mantiveram com o chanceler uma luta célebre, na qual o vencedor da Áustria e da França ficou por sua vez vencido.

O Kulturkampf ficou derrotado; as tiránicas leis de Maio sofrem importantíssimas emendas. O governo imperial vê-se obrigado a reconhecer a independência espiritual dos bispos instituídos pelo Papa e dos párocos nomeados pelos bispos.

São chegados os tempos previstos por Hermann.

Façamos agora o cálculo que acêrca dos soberanos fazia Hermann, com o seu cérebro de vidente, desde 1240, e vejamos se acertou ou não.

Os sucessores de Joaquim I são os seguintes:

- 1.º Joaquim II.
- 2.º João Jorge.
- 3.º Joaquim Frederico.
- 4.º João Segismundo.
- 5.º Jorge Guilherme.
- 6.º Frederico Guilherme, o grande Eleitor.
- 7.º Frederico I, rei da Prússia.
- 8.º Frederico Guilherme I.
- 9.º Frederico II.
- 10.º Frederico Guilherme II.
- 11.º Frederico Guilherme III.
- 12.º Frederico Guilherme IV.
- 13.º Guilherme I.

Devendo prolongar-se a perseguição luterana

até o undécimo soberano e cessar, sem dúvida nenhuma, depois de este, o último soberano perseguidor da consciência católica deve ser Frederico Guilherme III (1797-1840).

Ver-se há mais adiante que este princípio foi, no que a esse ponto se refere, fiel à tradição dos Hohenzollern.

Mas, coisa curiosa e que confirma as palavras de Hermann: a partir de Frederico Guilherme IV cessa a perseguição.

Cessa de duas maneiras. Durante o governo de Frederico Guilherme IV, por uma espécie de desfalecimento e de lassidão, este não tomou medida alguma para efectuar novos vexames. E com o seu sucessor, Guilherme I, os católicos levantam enfim a cabeça e triunfam definitivamente.

Mas há mais ainda. No reinado de Frederico Guilherme IV, o duodécimo soberano, começa a reforma constitucional, graças à qual os católicos poderão ocupar no Reichstag uma posição que assegurará definitivamente a sua independência.

De 1537 a 1571

«Aproxima-se, ó Lehnin!, aquele que chega animado de ódio mortal contra ti. O ateu, o libertino, o adúltero, que parte e corta como uma faca. Devasta a igreja, vende em hasta pública os bens consagrados a Deus. Ah! meu pobre povo! Já não tens quem te proteja.»

Em 1552, Joaquim II apoderou-se da rica abadia de Lehnin e expulsou todos os seus reli-

giosos. Todos os mosteiros dos seus Estados sofreram a sua sorte. Os bispados foram confiseados e vendidos. Enfim, a pilhagem contra os bens religiosos foi completa.

Joaquim mantém relações de amor, públicamente, com várias amantes e entre outras a mulher do chefe de artilharia, Ana Sidour, beleza ativa e caprichosa.

Os católicos já não teem quem os proteja, nem tão pouco os monges, expulsos e postos fora da lei.

De 1571 a 1598

«O filho aprova as disposições impostas por um pai insensato. Completamente falto de sizo, passa, no entanto, por piedoso. Porque tolera as desordens, qualificam-no de soberano perfeito. É-lhe dado ver cinco dos seus serem o que êle foi. No decorrer de um ano funesto, morre numa mansão esplêndida.»

O filho de Joaquim II teve por herdeiro seu filho João Jorge (1571-1598). Êste não teve outra preocupação senão estender os seus Estados, fechando os olhos ao incremento que iam tomando os costumes licenciosos. Daqui, o severo juízo que antecipadamente formara sôbre êle o monge Hermann.

Nos setenta e tres anos que viveu (1525-1598) *foi-lhe dado ver cinco dos seus serem o que êle foi*, isto é, ver sentados na eadeira Eleitoral de Brandeburgo, em vez dele, os que só deviam

ocupar esse lugar depois da sua morte, facto verdadeiramente excepcional para um soberano.

No decorrer de um ano funesto (1598), que foi assinalado por uma epidemia terrível, morreu numa *mansão esplêndida*, o magnifico castelo de Colónia, no qual até então nunca tinha morrido qualquer membro da sua familia.

De 1598 a 1608

«*Seu filho pede aos habitantes da sua cidade para ser preferido a outros pretendentes. Os outros pais consideram-se ditosos ao educar seus filhos. Aquele vê crescer o seu com receio. O que teme é incerto. Mas chegará infalivelmente.*»

Joaquim Frederico (1598-1608), antes de ascender ao Eleitorado, era um rico prelado luterano. Os bispos luteranos eram nomeados pelos cidadãos. Pois bem: em 1566 Joaquim Frederico apresentou a sua candidatura ao bispado de Magdeburgo contra diversos candidatos.

Joaquim Frederico, como dignatário da Igreja luterana, era, como é natural, seu partidário acérrimo. Em compensação, seu filho João Segismundo detestava Lutero e mostrava-se partidário das doutrinas de Calvino. *Daqui os receios do pai.*

O que teme é incerto: a abjuração do luteranismo com que ameaça seu filho. Mas chegará infalivelmente. Quando seu pai morreu, fez-se calvinista e combateu violentamente a igreja luterana.

De 1608 a 1619

«Estabeleee-se em breve uma nova ordem de coisas; Deus assim o permite. Polulam os vieios e a sua duração não será muito prolongada. Um edito origina muitos males; um golpe produzirá outros muito maiores. No entanto, não duvideis de que tudo quanto o soberano tenha compromettido com as suas péssimas ordens será remediado pelos aeonteeimentos.»

A *nova ordem de coisas* em que pulularam os vieios é o rito calvinista, introduzido em Brandeburgo, origem de seenas eseandalosas, de violências, de derramentos de sangue, segundo o historiador Schoell.

Neste momento em que o dueado da Prússia, em consequência de hábeis matrimónios, acaba de passar às mãos dos Hohenzollern, João Segismundo (1608-1619) quer introduzir o rito calvinista na Prússia, como fez no Eleitorado. Daqui nasce a cólera terrível dos luteranos. O rei da Polónia, senhor feudal da Prússia, intervem e rasga os editos estabelecidos em favor dos prediadores do calvinismo, o que estabelece *uma nova ordem de coisas*.

O *edito que origina muitos males* é aquele pelo qual João Segismundo outorga a si mesmo, de acôrdo com o conde Palatin, a administração dos antigos Estados do duque de Juliers.

João Segismundo e o conde Palatin entraram em luta por êste motivo em 1613.

A filha de João Segismundo devia casar-se com o filho do conde Palatin. Um dia, em Dusel-

dorf, travou-se discussão entre os futuros comsogros, a meio da qual Segismundo vibrou uma pancada no seu futuro genro. Isto deu origem á guerra e á devastação do país. Mas, em consequência de certa intervenção amigável, tudo voltou a compôr-se.

De 1619 a 1640

«Morre o pai e seu filho governa o margraviato. É tal o seu carácter que deixa impunes todas as ofensas.

Enquanto confia cegamente nos outros, os lobos devoram o infortunado rebanho e o servidor culpado não tarda em seguir a sorte do senhor.»

Isto refere-se a Jorge Guilherme (1619-1640). Não tem êste príncipe nenhuma das qualidades que fazem os guerreiros e os chefes de Estado.

O historiador Schoell diz a seu respeito:

«Não sabendo tomar uma resolução a tempo nem persistir na que houvesse tomado, amigo pouco seguro, inimigo pouco terrível, não pôde fazer-se respeitar por nenhum partido. Expulso diversas vezes dos seus Estados, viu-os devastados pelos dinamarqueses, pelos imperiais e pelos suecos, enquanto êle, sem se decidir por uma politica determinada, era ao mesmo tempo o amigo ou o inimigo de todos os partidos.»

Já se vê por estas linhas como os lobos devoram o infortunado rebanho. Entre estes lobos figurava como um dos piores Gustavo Adolfo, que causou grande dano no Eleitorado durante a guerra dos trinta anos.

De 1640 a 1688

«A isto ehegam aqueles que inscrevem três burgos nos seus titulos. O Estado, já engrandecido, guiado agora por um grande príncipe, adquire ainda maior extensão».

O filho do indeciso e incompetente Jorge Guilherme foi, caso estranho, um dos homens mais notáveis da casa dos Hohenzollern: Frederico Guilherme, chamado o *Grande Eleitor* (1640-8167).

Grande príncipe e Grande Eleitor — a semelhança entre a profecia e a história é absoluta.

Frederico Guilherme, pelo tratado de Labian, libertou a antiga Prússia do feudo, humilhante para ela, que havia de impor à Polónia. Com o tratado de Westfália *engrandeceu consideravelmente os seus Estados*.

Frederico Guilherme inscreveu *três burgos nos seus titulos*, visto que aos dois que já possuía (Brandeburgo e Prússia) acrescentou o margraviato de Magdeburgo, que alargou o seu Eleitorado.

Na opinião de todos os historiadores, este príncipe foi o verdadeiro fundador da monarquia prussiana.

De 1688 a 1713

«A segurança de um povo reside na força do Rei (regens); mas que vantagem pode ter quando a sabedoria se conserva como que adormecida?»

Rei (regens); é a primeira vez que Hermann emprega esta palavra ou equivalente. Pois bem: Frederico I, filho do *Grande Eleitor*, foi o primeiro que recebeu do imperador Leopoldo I o título de *Rei*.

A sabedoria adormecida consiste evidentemente para o monge Hermann, que se [coloca com freqüência no ponto de vista religioso, na antipatia contra os católicos, de que Frederico I não deixou de dar provas durante todo o seu reinado.

De 1713 a 1740

«O sucessor não seguirá as pisadas de seu pai. Orai, irmãos, e vós, mães, dai livre curso às lágrimas! Os preságios de um reinado feliz só deram esperanças vãs. Desapareceu todo o sinal de um governo bom e justo! Fugi, antigos habitantes do país! Vêde-o já liquidado, desfeito, tanto por fora como por dentro!»

O sucessor não seguirá as pisadas de seu pai. É difícil encontrar na história das monarquias um filho menos parecido com seu pai do que Frederico Guilherme I, segundo rei da Prússia, em relação a Frederico I. Este era instruído e favoreceu as belas-artes. Aquele desprezava os escritores e os artistas. O pai era liberal, generoso, faustoso; o filho, avaro, inimigo do luxo e da etiqueta. Um era amável, o outro intratável, muitas vezes cruel.

Mães, dai livre curso às lágrimas. Frederico Guilherme I foi o primeiro rei da Prússia que

estabeleceu o tributo de sangue. Logo que nascia um varão, o rei apressava-se a mandar à mãe uma faixa encarnada, sinal oficial de que seu filho pertencia ao exército prussiano. Por isso, as mães amaldiçoavam-no.

Foi também Frederico I quem fez introduzir na educação do soldado o látigo, com variações de murros e pontapés, tudo acompanhado das mais repugnantes injúrias. Disto provêm o novo tipo do célebre militar prussiano, e, em consequência, o ideal do perfeito soldado... Perfeito soldado, talvez, mas a que preço?

«Os preságios dum reinado feliz» não deram (bem se vê) mais que vãs esperanças; todo o sinal de um governo bom e justo desapareceu.

Vêde-o já liquidado, desfeito, tanto por fora como por dentro. Nesta parte da profecia vislumbra-se a morte de Frederico Guilherme I. Atacado de uma enfermidade estranha em 1734, foi logo vítima duma lenta hidropesia, que invadiu os seus membros superiores e lhe ocasionou a morte em 1740.

É conveniente notar que Frederico Guilherme I reinou de 1713 a 1740. Ora o manuscrito de Hermann publicou-se em 1723 na *Gelerthes Prussen*. É a maior e mais decisiva prova das profecias de Lehnin. Se a profecia não oferece dúvida; se o texto conserva estrita relação com os acontecimentos; se o golpe de vista é tão seguro, e a palavra tão infalível, tudo isto constituirá o reconhecimento oficial do incontestável valor das profecias.

Vai ver-se como tudo é certo.

De 1740 a 1786

«Em breve se enfurece o jovem guerreiro, tanto que a nobre princeza geme ao ser mãe. Quem poderá, contudo, remediar as tremendas pragas do Estado? Agrada-lhe desdobrar a sua bandeira; mas que dolorosos percalços terá que sofrer! Quando soprar aqui o vento da Auster, confiará a sua vida aos enclausurados.»

Chega a vez agora a Frederico II o Grande (1740-1786). Apenas subiu ao trono o *jovem rei* declarou a guerra, contra a opinião de todos, à jovem imperatriz Maria Teresa. Segundo conta a história, a injusta agressão do rei da Prússia arrancou durante o seu embaraço gemidos de dor à gloriosa soberana.

Que dolorosos percalços terá que sofrer! Durante a guerra dos sete anos, alcançou grandes vitórias; mas também sofreu revezes terríveis, que estiveram a ponto de aniquilar a Prússia.

Quando soprar aqui o vento da Auster, confiará a sua vida aos enclausurados.

Frederico o Grande, confiando a sua vida aos enclausurados? Éle, o rei filósofo, estranho a toda a crença religiosa! Parece isto singular à primeira vista; mas eis que a história da abadia de Morimond nos dá a chave do mistério.

Durante a segunda guerra da Silésia, na ocasião em que Frederico estava visitando a abadia de Camenz, da mesma ordem que a de Morimond, acompanhado do seu ajudante de campo, viu chegar ao longe um forte destacamento de

hussares austriacos (Austria-Auster), que, depois de haver forçado as vanguardas prussianas, se dirigia para ali a todo o galope. Era preciso salvar o rei a todo o custo. Imediatamente, segundo se lê nos arquivos da abadia, a sineta do mosteiro soou chamando à capela todos os frades. Apareceu o prior, acompanhado de um religioso desconhecido de todos os demais, que ocupou um lugar no eôro. Começou o officio. Chegaram os austriacos e só encontraram o companheiro do rei com o seu cavallo, levando-o. O rei ficou sempre grato áqueles religiosos; e isto explica a causa das muitas cartas amistosas que se conservam de Frederico ao prior da abadia de Camenz.

Eis ai como Frederico o Grande *confiou a sua vida aos enclausurados.*

De 1786 a 1797

«O successor imita a perversidade de seus avós, sendo ainda mais perverso que êles. Nem fôrça no soberano nem religião nas obras. O auxiliar, cujo socorro pede, só procede contrariamente aos seus interêsses, e o rei morre nas ondas, tudo alterando e confundindo os mais opostos extremos.»

Governado por ministros ineptos ou corrompidos, diz Florent Dumas, dominado pelas suas amantes, e, ainda, perdido nas loucuras do iluminismo, Frederico Guilherme II, successor de Frederico-o-Grande (1786-1797), só reinou para desonra da sua raça e do nome prussiano. No

interior do país, a mais completa anarquia; fora, excitou os demais povos a ir à guerra, e não cumpriu as promessas que lhes fizera.

O *auxiliar cujo socorro pediu* e que procedeu contrariamente aos seus interesses foi o duque de Brunswiek, que tomou o comando na guerra contra a França em 1792 e que, tanto na acção política, como na militar, fez tudo ao contrário do que convinha para obter o triunfo dos estados aliados.

Tudo alterando e confundindo os mais opostos interesses. A sua política foi um caos.

Morreu nas ondas. Isto deve querer referir-se ao lugar onde ocorreu a morte, que foi em Wasser-Pallast (Palácio das Águas).

De 1797 a 1861

«Nesta época gererá o povo imerso na tristeza e no abatimento.»

Esta visão rápida e uniforme, compreende dois reinados.

1.º O de Frederico Guilherme III, filho do precedente (1797-1840).

2.º O de Frederico Guilherme IV, filho de Frederico Guilherme III, que morreu louco em 1861.

O povo gererá, imerso na tristeza e no abatimento. O primeiro dos soberanos, adversário infelizmente de Napoleão, derrotado em Iena e em Auerstaedt, via-se despojado dos seus domínios ao firmar a paz de Tilsit. Recuperou-os no congresso de Viena. O povo sofre grandes calamidades pú-

blicas. Mas sofre também o povo católico—dele se preocupa principalmente o monge Hermann—sofre o ódio luterano, de que Frederico Guilherme III, fiel à tradição dos seus maiores, parece querer desdobrar a bandeira.

O segundo dos soberanos, Frederico Guilherme IV, passará os 21 anos do seu reinado, que tão mal acaba, querendo modificar nos mais diversos sentidos e sem o menor resultado a constituição do seu reino.

Indubitavelmente vê-se que o profeta passa quasi por alto tão insignificante reinado. Tem pressa de chegar à parte, para elle (monge católico), mais importante da visão: primeiro, a melhoria da situação do catolicismo na Alemanha, e depois os seus destinos futuros.

Para todos estes importantes acontecimentos, como também para prognosticar ao futuro soberano a dignidade imperial, não emprega Hermann senão onze versos hexâmetros, pois é evidente que se propôs relatar tudo em cem versos. Daí o laconismo.

De 1861 a 1888

«O filho gozará dias prósperos. Possuirá o que jámais pôde ousar alcançar, pois viu aproximar-se a época em que se cumprirão assombrosos lances de fortuna e o próprio Príncipe ignora o engrandecimento que adquirirá a sua nova potência.»

O *filho* é Guilherme I, filho segundo de Frederico Guilherme IV, a que succedeu em 1861.

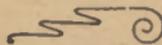
O filho gosará dias prósperos. Havia muito que a Prússia não via um reinado tão glorioso como o de Guilherme I.

Possuirá o que jámais pôde ainda alcançar, e que conseguirá graças à cooperação dum ministro hábil e pouco escrupuloso, e ainda a um génio militar de primeira ordem, pelo qual consegue vencer a França em 1870-1871.

A guerra vitoriosa com a Áustria, a guerra vitoriosa com a França, a coroa de imperador da Alemanha, colocada na fronte de Guilherme I em Versalhes, que *mais assombrosos lances de fortuna* poderia ambicionar?

Quanto a *o Príncipe ignorar o engrandecimento que adquirirá a sua nova potência*, escreve Florent Dumas, numa obra publicada em 1891:

«Que Guilherme I não pôde suspeitar a imensa altura a que a sorte das armas elevaria o trono do seus pais, é um facto, pois êle mesmo o demonstrou com as cartas que escreveu à rainha Augusta. Guilherme II deu publicidade a essa correspondência íntima, e publicaram-na os jornais de todas as nações. Toda a Europa a conhece, e nada está hoje mais demonstrado que êste facto, cuja revelação futura seria bem difficil de prever».



AS PROFECIAS DE HERMANN

Parte que se está realizando actualmente — O porvir

*Fim da dinastia dos Hohenzollern — A sorte de Guilherme II
— Volta da Prússia às suas tradições políticas e religio-
sas — Restabelecimento do império germânico.*

Para melhor apreciar as profecias de Hermann e para tirar todas as consequências que delas se desprendem, é absolutamente necessário collocarmo-nos no seu ponto de vista.

O ponto de vista do monge Lehnin é mais religioso que político, pois só parece evocar os assuntos do Estado com o fim de explicar as transformações que trazem à vida religiosa do povo.

À luz da observação, vejamos quais as realidades das suas visões com respeito ao assunto que nos occupa, isto é, o porvir mais ou menos próximo da dinastia dos Hohenzollern.

Fim da dinastia dos Hohenzollern e sorte de Guilherme II

«Enfim, o sceptro está nas mãos do que há de ser o último desta lista rial!»

Enfim!

Estas palavras têm uma alta significação porque exprimem o que o poeta sente sobre a dinastia cuja história prediz.

Enfim!

O juiz terrível que foi instruindo, geração após geração, o processo desses eleitores de Brandeburgo, desses reis da Prússia, desses aspirantes ao trono imperial, Hermann, passando sem o ver, ou sem o querer ver, o efémero reinado de Frederico III, livre já dum peso enorme, solta o grito libertador:

Enfim! o sceptro está nas mãos do que há de ser o último desta lista rial!

A afirmação é bem clara e não admite interpretações equivoacas. Guilherme II possui o sceptro, mas ninguém o possuirá depois d'ele.

O actual Hohenzollern é, segundo o profeta, cujas predições se cumpriram até aqui, o último da sua família que usará o título de rei da Prússia e de imperador da Alemanha.

Com éle, a raça dos Eleitores de Brandeburgo entra no grande cortejo histórico das famílias destronadas.

“A execrável maldade,, de Israel

«Israel tenta cometer uma execrável maldade, que só com a morte se pode expiar».

Não é fácil explicar estas palavras de Hermann, visto que nenhum facto ainda em via de realização pode levar à sua interpretação.

A palavra *Israel*, em sentido figurado, refere-se ao povo judeu. Em sentido figurado especial, segundo explica o padre Florent Dumas, refere-se ao corpo religioso, ao santuário.

Eduardo Drumon escrevia a 17 de Abril de 1896: «Que maldade será esta que ultrapassa as proporções ordinárias? Será, provavelmente, uma enorme catástrofe internacional, uma traição hábilmente urdida, cujas consequências se farão sentir em todos os povos do universo.»

Duas ordens de suposições, pois, são possíveis: ou um acto criminoso levado a cabo pelos judeus, ou um seisma, por exemplo, que estale na igreja prussiana.

Esperemos...

Vólta a Prússia às suas tradições políticas e religiosas.

Restabelecimento do império ger- mânico.

«Então o pastor recupera o seu rebanho; a Germânia os seus reis.

«A Marca, completamente assolada pelas suas desgraças, estreita em seus braços a seus filhos, libertados do jugo estrangeiro.

«Renovar-se hão os antigos costumes de Lehnin e de Chorin.

«O clero brilhará com o seu antigo esplendor e os seus rebanhos não tornarão a temer os dentes do lobo raptor.»

Isto quer dizer:

1.º A volta de Brandeburgo, e sem dúvida da Prússia, ao catolicismo.

2.º A reconstrução dos mosteiros de Lehmin e de Chorin.

3.º O restabelecimento do império germânico; a Germânia recuperará os seus reis. Como se sabe, os Hohenzollern estão hoje no trono rial da Prússia e no trono imperial da Alemanha, fundado em 1871. Os acontecimentos que Hermann prediz são evidentemente o castigo de todo o passado dos Hohenzollern.

Êste castigo tem duas applicações: primeira, a obra religiosa dos Hohenzollern fica destruida, e segunda, destruida fica também a sua obra politica.

E assim, a Alemanha, libertada da Prússia, verá implantar-se um governo nacional, digno do seu glorioso passado.

Tal é o ponto final da visão do profeta, cujas predições se tem realizado por forma verdadeiramente assombrosa.



A PROFECIA DE MOGÚNCIA

I — Parte realizada

«1.º Quando este pequeno povo de Oder se sentir bastante forte para sacudir o jugo do seu protector e quando a cevada tiver dado espiga, o seu rei Guilherme erguer-se há contra a Áustria.

2.º Irá de vitória em vitória até ás portas de Viena; mas uma palavra do grande imperador do ocidente fará tremer o herói no campo de vitória e não terá sido ainda colhida a cevada quando se assinar a paz, sacudirá todo o jugo e voltará a estar triunfante na sua pátria.»

A campanha de que se trata é a da Áustria em 1866. O profeta previu a sua curta duração: «Quando a cevada tiver dado espiga.» A Prússia empreende a campanha, mas antes de ser colhida a cevada assinar-se há a paz.

«3.º Mas eis que entre a quarta colheita da cevada e a da aveia, um formidável grito de guerra chamará às armas os lavradores; um exército enorme, seguido de um extraordinário número de máquinas de guerra que só o inferno pôde inventar, se porá em marcha para o ocidente.»

É sabido que a guerra de 1870-1871 estalou quatro anos (quarta cevada) depois da campanha da Áustria e que se declarou em 19 de Julho de 1870.

«Maldição para ti, grande nação; maldição a todos vós que abandonastes os direitos divinos e humanos.

«O Deus dos exércitos abandonou-vos. Quem vos socorrerá?

5.º Napoleão III ria-se do seu adversário; voltará atado à Chêne-Populeux, donde desaparecerá para não voltar a reaparecer.»

A Chêne-Populeux está nas Ardennes, perto de Sedan.

«6.º Apesar da heróica resistência dos francezes, uma grande multidão de soldados azuis, amarelos e negros estender-se há por uma grande parte da França.»

É a terrível invasão que se seguiu às primeiras derrotas francezas.

II — Parte que se está realizando nos momentos actuais

«7.º A Alsácia e a Lorena serão arrebatadas à França por um tempo e um semi-tempo.»

As duas provincias arrebatadas à França pela Alemanha não pertencerão sempre a esta última. Que querem dizer as palavras «um tempo e um semi-tempo»?

Isto que até há pouco tempo parecia um mistério está em vias de se esclarecer. Se, como é convicção da maioria, o ano de 1914 marca o inieio da queda do império alemão e se, como é verosimil, o de 1915 vir formar-se a paz entre a França vitoriosa e os povos alemães», o espaço de tempo que a Alsácia e a Lorena terão pertencido aos alemães será de quarenta e cinco anos.

Pois bem: o número de 45 compõe-se de dois números que se acham comprehendidos no total indicado:

Um tempo	30	anos
Um semi-tempo . . .	15	»
	<hr/>	
Total.	45	»

«8.º Os francezes só se armarão de valor lutando contra si mesmo.»

O sentido destas linhas, que até há pouco se afigurava obscuro, não aparece agora de uma transparente claridade? Não é certo que os fran-

esses lutaram contra si mesmos nos primeiros dias da guerra? Não estiveram terrivelmente aterrorizados ante as ameaças dos seus inimigos? Não recobram a esperança especialmente com os actos dos seus aliados, depois de vêrem os resultados do seu valente exército?

«9.º Maldição para ti, grande cidade; maldição para ti, cidade do vício! O ferro e o fogo sucederão ao fogo e à fome».

A fome do cêrcio e o fogo da Comuna succederão (em maior ou menor espaço de tempo) ao ferro e ao fogo. Trata-se evidentemente da guerra actual, estalando quarenta e quatro anos depois da de 1870-1871, na qual o fogo das armas e o fogo dos canhões (sem falar do dos incêndios) estão causando a morte de tantas criaturas.

«10.º Corágem, almas liais, o reino da sombra não terá tempo para executar todos os seus projectos.

«11.º Mas eis que se aproxima o tempo das misericórdias. Um príncipe (sem dúvida um chefe, um príncipe da milícia, o generalíssimo Joffre) da nação está convosco.

«12.º É êle que traz a salvação, o sábio, o invencível. Contará as vitórias pelos feitos.

«13.º Expulsará da França o inimigo, irá de vitória em vitória, até ao dia em que se cumpra a justiça divina.»

Encontramo-nos aqui dentro da predição. O inimigo que o príncipe expulsará da França é evidentemente o que occupa as provincias francesas.

«14.º Em tal dia mandará sete castas de soldados, contra três, à cidade de Boleana, entre Ham, Wœrl e Paderborn.»

A profecia é tão clara e tão precisa para o futuro como o foi para o passado. É a *révanche* prometida aos vencidos de 1870-1871 e os lugares das batalhas que se aproximam acham-se bem indicados.

Quanto às «sete castas de soldados», ninguém deixará de compreender que se trata das tropas francesas, inglesas, belgas, australianas, canadianas, africanas e índias que se encontram combatendo o inimigo.

«15.º Maldição para ti, povo do Norte; a sétima geração responderá pelos teus malefícios. Maldição para ti, povo do Oriente; tu causarás gritos de dor e derramarás sangue inocente. Já-mais se terá visto um exército igual; já-mais se terá ouvido um estrépito tão horroroso.»

O povo do Norte é, como sempre, a Alemanha. O povo do Oriente (com relação à França) é, sem dúvida, uma nação aliada à Alemanha nesta guerra, talvez a Áustria.

«16.º Três dias passará o sol por cima das cabeças dos combatentes sem que o possam ver através das nuvens de fumo.

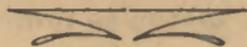
«17.º Ao fim, o chefe alcançará a vitória; dois dos seus inimigos serão aniquilados. O que ficar do terceiro fugirá para o Extremo Oriente.»

Qual será este terceiro aliado da Alemanha,

que se unirá a ela? O Extremo Oriente deve ser, sem dúvida, o Extremo Oriente da Europa. Deve tratar-se, pois, da Turquia, que há muito combate ao lado da Alemanha, o que vem confirmar a veracidade da profecia.

«18.º Guilherme, o segundo do nome, será o último rei da Prússia; apenas terá como sucessores um rei da Polónia, um rei do Hanover e um rei da Saxónia.»

Esta passagem é de capital importância. Guilherme, o segundo do nome; quer dizer, o kaiser será o último rei da Prússia. No entanto, o profeta fala de vários sucessores. Que quererá dizer com isto? Parece referir-se unicamente à hegemonia da Prússia no império alemão. Não haverá outro rei da Prússia, mas haverá outros imperadores da Alemanha, não pertencentes à família dos Hohenzollern. É muito curiosa a referência a um rei da Polónia que pode exercer algum papel nos acontecimentos futuros, quando é certo que essa nação não existe politicamente. A verdade é que o czar da Rússia, num belo gesto, acaba de ressuscitá-la, e por isso, o que parecia incompreensível, irrealizável, pode converter-se em realidade.



AS PREDIÇÕES DE FIENSBERG

O passado—A realização actual

Já contamos as circunstâncias em que o imperador Guilherme I, que só era então príncipe herdeiro da Prússia, ao passar na povoação de Fiensberg, chamou uma célebre vidente, pedindo-lhe que lhe predissesse o futuro e o destino da Prússia.

A verdade é que Guilherme I, preocupado, como todos os Hohenzollern, com as profecias de Hermann, perguntava se seria êle o «filho que gosaria dias prósperos» e quais seriam os «lances de fortuna» que jámais «pôde ousar conseguir.»

Eis o relato da sua entrevista com a vidente:

«O príncipe sentou-se numa mesa. A vidente, depois de alguns preliminares, passou o lápis por uma série de algarismos escritos em círculo. As respostas deviam compôr-se segundo o significado dos números em que o lápis se detivesse.

— Qual será a minha sorte?

— Sereis um dia imperador da Alemanha.

— Ah! exclamou o príncipe. Em que ano? acrescentou com visível emoção.

A vidente escreveu o milhar do ano em que se encontravam, que era o de 1849; depois, e sucessivamente por baixo do 9, os algarismos em que se ia detendo o lápis.

Com grande surpresa, ouviu o príncipe, que ia escrevendo verticalmente os mesmos algarismos do número 1849, que eles formavam o quadro seguinte:

$$\begin{array}{r} 1849 \\ 1 \\ 8 \\ 4 \\ 9 \end{array}$$

— Some estes algarismos e obterá a data da sua coroação.

A adição deu por total 1871.

— Em que idade morrerei? perguntou ainda o príncipe.

A pitonisa escreveu 1871. Depois voltou a fazer as mesmas indagações, verdadeas ou fictícias, e compôs pelo processo anterior o seguinte quadro:

$$\begin{array}{r} 1871 \\ 1 \\ 8 \\ 7 \\ 1 \end{array}$$

— Some estes algarismos e obterá a data da sua morte, ouviu dizer o príncipe pela segunda vez.

A soma deu 1888.

— Quando ficará desfeito o império alemão? foi a terceira pergunta que fez o príncipe.

Conforme tinha feito já duas vezes, a pitonisa escreveu a última soma obtida e, por último, o mesmo numero numa linha vertical, compondo este quadro:

$$\begin{array}{r} 1888 \\ 1 \\ 8 \\ 8 \\ 8 \end{array}$$

— Some estes algarismos e achará a data da queda do império alemão.

O príncipe contou 1913.

— Esta data é irrevogável? perguntou.

— Sim, menos o último algarismo.

— Que quer isso dizer?

A pitonisa escreveu o último número obtido, 1913, como havia feito com os demais, mas só em linha vertical:

$$\begin{array}{r} 1 \\ 9 \\ 1 \\ 3 \end{array}$$

— Some estes algarismos e acabará a data extrema em que poderá produzir-se o último acontecimento.

O príncipe somou 14.

— Será, pois, 1913 ou 19...14.»

O folheto que reproduz esta profecia, eujas

primeiras predições se realizaram em absoluto, termina assim:

«O príncipe saiu dali muito satisfeito.»

Como se sabe, em 1871, foi coroado imperador da Alemanha Guilherme I, que morreu em 1888.

Como se poderá explicar agora a última parte, se 1914 não nos trouxe ainda a queda do império alemão?

Devemos concluir que a queda desse império é já representada pela declaração de guerra feita pela Alemanha em 1914, declaração que se considerou o suicídio do Império alemão.



A HORA TRÁGICA DA ALEMANHA

A veracidade das predições e profecias

Não nos temos limitado apenas a publicar o texto das profecias relativas à Alemanha, com os comentários que delas se desprendem; fizemos mais: demonstramos a perfeita autenticidade de cada uma delas, as suas relações com respeito à parte que ao passado se refere, e, portanto, a sua inecontestável veracidade.

Isto no que respeita às profecias de Hermann como às outras predições, poucas havendo rodeadas de tantas garantias como estas. Vejamos como todas elas se conectam.

O acontecimento principal é a sorte reservada à dinastia dos Hohenzollern. Sobre este ponto, os três documentos que reproduzimos estão maravilhosamente de acôrdo.

Hermann disse:

«Enfim, eis o que há-de ser o último desta lista rial».

Não fala em Guilherme II, mas alude a êle dum modo tão inequívoco como se pronunciasse o seu nome.

A profecia de Mogúncia é ainda mais clara; diz concretamente:

«Guilherme, o segundo de nome, será o último rei da Prússia».

Não diz o «último imperador da Alemanha», mas é o mesmo, pois não se comprehende como possam os Hohenzollern perder o trono rial e conservar a dignidade imperial.

Por último, as predições de Fiensberg trazem um novo elemento; indicam uma data: 1914. Como já observamos, foi em 1914 que a Alemanha declarou guerra às potências aliadas, e êste facto, como tudo leva a supôr, marca o início da queda do império alemão, que ficará completamente esfrangalhado.

E assim poderemos concluir êste interessante estudo com as palavras dum escritor célebre:

«Tarde ou cedo, a Alemanha terá que capitular em face desta luta implacável, pois que ou terá que sustentar indefinidamente o bloqueio que lhe está fazendo a Inglaterra, o que supõe a fome, ou procurará forçá-lo, lançando a sua armada contra a esquadra inglesa, mas com todas as probabilidades de vê-la destruída por fôrças superiores.

Que será da Alemanha, quando tiver que declarar-se vencida?

A ruína económica, industrial e financeira, que ferirá irremediavelmente a nação depois da derrota, nada será, comparada com as consequên-

cias políticas que originarão semelhante acontecimento.

A principal será com certeza a desagregação da confederação dos Estados germânicos.

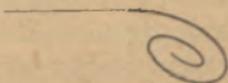
Ao primeiro fracasso alemão, a maior parte desses Estados devem separar-se; ao terminar uma guerra desgraçada, a deslocação da Confederação será completa e definitiva. Se a Alemanha conseguiu unir em torno da sua bandeira vitoriosa os prussianos, bávaros, saxões e wurtemburgueses, etc., outro tanto não conseguirá em torno duma bandeira vencida.

Efectuada esta desagregação, que ficará do soberbo edificio levantado pela Prússia há quarenta anos, com detrimento das suas vizinhas?

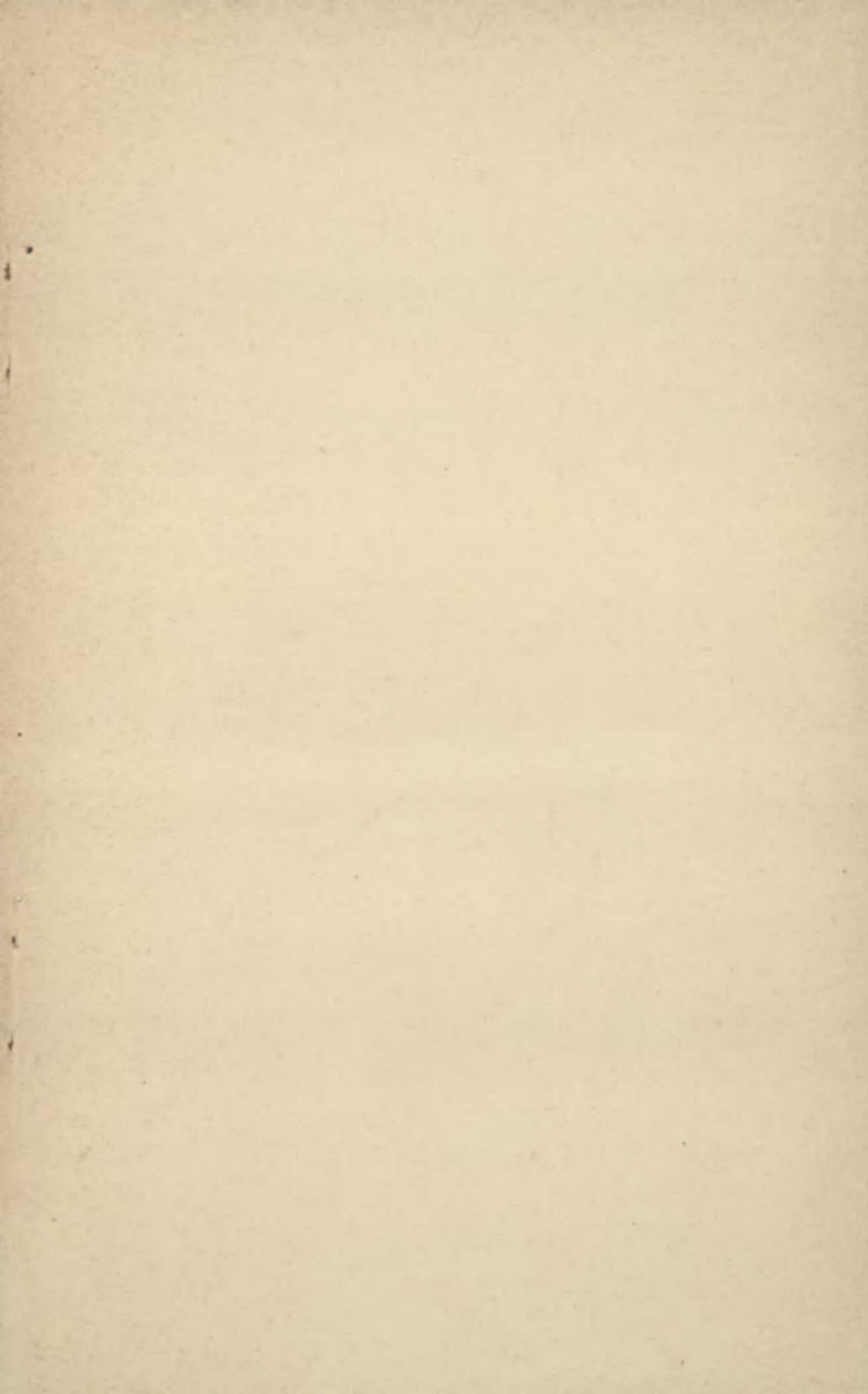
Uma nação desamparada, sem recursos financeiros, despojada de todo o poderio militar, predisposta para a revolução e para a anarquia.

Será o verdadeiro fim do império. *Finis Germaniae!*

FIM



	PAG.
De 1571 a 1598	30
De 1598 a 1608	31
De 1608 a 1619	32
De 1619 a 1640	33
De 1640 a 1688	34
De 1688 a 1713	34
De 1713 a 1740	35
De 1740 a 1786	37
De 1786 a 1797	38
De 1797 a 1861	39
De 1861 a 1888	40
IV — As Profecias de Hermann—Parte que se está realizando actualmente — O porvir . . .	42
Fim da dinastia dos Hohenzollern e sorte de Guilherme II	43
«A execrável maldade» de Israel	43
Volta a Prússia às suas tradições políticas e religiosas — Resta- belecimento do império ger- mânico	44
V — A profecia de Mogúncia.—I— Parte realizada	46
II — Parte que se está realizando nos momentos actuais	48
VI — As predições de Fiensberg.— O passado—A realização actual	52
VII — A hora trágica da Alemanha.—A veracidade das predições e profecias	56



LIVRARIA FIGUEIRINHAS

DE

FIGUEIRINHAS & C.^ª

Rua dos Mártires da Liberdade, 178 - PORTO

A morte da Alemanha Imperialista,
trad. de Simões de Castro 10 cent.

DIONÍSIO DUARTE

Código Eleitoral, br. 30 cent.
**Manual anotado das juntas de paróquia ci-
vil** 30 cent.
**Elucidário anotado dos secretários das admi-
nistrações dos concelhos (esgotado)**

JOSÉ AGOSTINHO

O meu livro, cart. 300 réis
Rei Infame (romance) 300 »
Eça de Queiroz 300 »
**Tragédia marítima (romance histórico) em
3 vol., br.** 1\$200 »
A' Roda de Portugal, em 2 vol. 1\$000 »
História de Portugal, em 5 vol., enc. . . . 3\$500 »

P.^º J. LOURENÇO DE MATOS

O Livro do Soldado Português. 200 »

MATERIAL ESCOLAR

A Livraria Figueirinhas fornece o melhor mobiliário escolar, perfeito, sólido e barato.

ENVIAM-SE CATÁLOGOS

